

Palavras de abertura

Lúcio Craveiro da Silva

É certamente Guimarães uma das cidades que, em Portugal possui um passado mais glorioso. E esse passado, felizmente, não é um passado morto, mas vivo.

Há passados gloriosos que apenas se recordam quando compulsados nas páginas adormecidas da história. Guimarães, pelo contrário, é uma cidade sempre desperta quer se abra o livro da história no passado, quer se admire a sua vitalidade no presente. Possui excelência, realce, cultura, desenvolvimento, no passado e no presente.

No presente logo nos surge, evidentemente, a Universidade do Minho que promove em Guimarães alguns dos seus melhores cursos, o que é devido não só à competência da Instituição mas também à intervenção esclarecida da cidade que, ao contrário de outra localidade que também tinha direito legal à Universidade, ela desde o princípio pediu, facilitou, conseguiu e apoiou com inteligência o estabelecimento também aqui da Universidade do Minho.

É que Guimarães estava melhor preparada para compreender e exigir a presença de uma instituição universitária pois já na sua tradição do século XVI experimentara e gozara, por algum tempo, de Estudos Gerais de nível univer-

sitário, com Frei Diogo de Murça, no então Mosteiro da Costa, onde se concederam “os graus de bacharel licenciado e também de doutor a todos os que provarem adquirí-lo depois do devido exame”.

Ainda nas perspectivas do presente, não poderemos deixar de nos referir sobretudo à Sociedade Martins Sarmento, às suas notáveis iniciativas culturais e ao seu dinâmico presidente a quem, por isso, o Conselho Cultural já prestou a devida homenagem. A Sociedade Martins Sarmento com o seu espólio valiosíssimo, a sua Revista já secular e as inúmeras actividades científicas e de projecção educativa caminha na vanguarda das iniciativas e realizações culturais não só na cidade mas ainda nacionais, com incidência até para além das fronteiras e por isso só não cooperam com ela os governantes distraídos mais preocupados com discursos teóricos do que com realizações de necessidade urgente e imperiosa ...

A sessão de hoje, mais centrada na evocação dos condes portugalenses e de Mumadona, uma das figuras emblemáticas da história vimaranense pré-nacional do século X, e agora evocada por uma das nossas melhores especialistas da história medieval, ajuda-nos certamente a manter vivo o sentido do valor das actuais instituições vimaranenses e a necessidade de apoiá-las oportunamente, de modo particular a Sociedade Martins Sarmento que partilha com o Conselho Cultural da Universidade do Minho e a Câmara de Guimarães a necessidade de recordar este milénario da sua história não por um sentimento meramente passadizo mas para, recordando-o, nos sentirmos obrigados a melhor realizar as tarefas e valores culturais do presente. A maior riqueza de um povo reside sempre no valor vivo e actuante da sua cultura. Eis a razão porque nos reunimos aqui para celebrarmos festivamente este milénio.